

BORGES, António José. *José Saramago. Da cegueira à lucidez*. Sintra: Zéfiro Editora, 2010. 210p.



*José Saramago. Da cegueira à lucidez* é um excelente livro de crítica literária de António José Borges. Autor de vários trabalhos não consignados apenas a âmbitos exclusivos da crítica literária, revela um interesse manifesto por outras modalidades genológicas, designadamente, a poesia, o conto e a crónica.

Todavia, é na primeira modalidade expressiva que se enquadra a obra *José Saramago. Da cegueira à lucidez*, em que o Autor defende teses e aborda temas com minúcia, empenho e honestidade na investigação. O livro procura delinear o “percurso ideológico e literário” (p. 27) que vai dos textos de José Saramago *Ensaio sobre a cegueira* a *Ensaio sobre a lucidez*. Reconhecendo o Autor a “existência de dois (ou mais) outros percursos anteriores” (p. 25), o *Ensaio sobre a cegueira* representa, em sua opinião, uma nova etapa na produção literária de Saramago. A *imago mundi* que aí se desenha é uma alegoria ao serviço de uma ideologia (p. 28), enquanto *Ensaio sobre a lucidez* é uma sátira política, onde se explana uma visão abrangente da natureza humana. Os *Ensaio (sobre a cegueira e sobre a lucidez)* – os pilares mais detidamente trabalhados do ponto de vista da crítica literária pelo Autor – têm em comum o facto de surgirem como obras da experiência, são provas (p. 38), ao consistirem numa caracterização da sociedade actual, onde aparecem imbricados os males de que esta sofre.

O início da nova etapa pessoal e literária de Saramago – que o Autor do livro salienta – é marcado pela radicação do escritor em Lanzarote e, no plano literário, pelo início da redacção dos *Cadernos* e pela escrita de *Ensaio sobre a cegueira*, obra nascida da dor, do rigor e da “necessidade de despertar as consciências para os problemas com que o mundo se defronta hoje em dia”, um “mundo de intolerância, de exploração, de crueldade, de indiferença, de cinismo” (apud, p. 37).

Em obras que se enquadram na modalidade genológica do romance, é pois intencional o título iniciar com a palavra *Ensaio*, a fazer prever da parte de José Saramago a existência de um espírito crítico que acompanha um pensamento vincadamente pessoal e o *livre-exame*, que se desenvolve nos romances de Saramago a partir de epígrafes. Não é pois de estranhar, na lógica deste contexto, uma escrita psicologista, universal e abstracta, com opção por personagens inominadas (p. 53). No

caso específico de *Ensaio sobre a cegueira*, o lexema ‘ensaio’ é indeligiável da expressão livre do sentimento saramaguiano de amargura face ao desconcerto do mundo: trata-se da cegueira da razão, da irracionalidade humana, uma cegueira baseada em pressupostos “intrinsecamente ligados à crise de auto-conhecimento do homem” (p. 43). Assim se explicam imagens alegóricas, designadamente, a cegueira, a violência das relações interpessoais em universos fechados, as relações de dominação, a solidão e o labirinto na cidade, o cão das lágrimas ou o manicómio como labirinto racional. Eis pois que se desenha no romance um conjunto de “reivindicações [...] quanto à inoperância dos sistemas democráticos, e suportando teorizações que problematizam a questão do transcendental” (apud, p. 49).

Urge dizer com o Autor que o percurso literário e ideológico do primeiro para o último romance de José Saramago não é linear e o debate encerra questões que vão da literatura à antropologia filosófica.

Questões como a da Alegoria (da cegueira, do capitalismo...), verdadeira sacralização da ideologia saramaguiana; o problema e a funcionalidade das epígrafes (que, sem conterem tudo o que se desenvolve nos romances, servem de mote e ilustram de modo lapidar tudo o que lá se acha); o discurso aforismático ou sentencioso como discurso do óbvio (como tal axiomático, verdadeiro e incontestável, logo, profundo) são pois temas que ocupam dois capítulos analíticos cruciais, em torno do *Ensaio sobre a cegueira*. Não podemos, contudo, ignorar, sobretudo na análise do último ponto, os romances *Todos os nomes*, *A caverna*, e *O homem duplicado*.

Na verdade, em todos os romances saramaguianos abordados pelo olhar hermenêutico e crítico de António José Borges, com maior ou menor incidência, surgem reiteradas as seguintes áreas temáticas: a questão de Deus, a figura do Cão e o discurso aforístico (p. 85-102). Este, que é também o “discurso do óbvio”, sentencioso ou proverbial, não raras vezes em Saramago adapta-se ao presente e à ordem de ideias que o autor pretende veicular ao leitor. Através dele, José Saramago “verte a sua ideologia e o seu moralismo não dissimulados” (p. 85).

Deus nos *Ensaio* (p. 103-107) e fora deles (p. 107-116) é sempre apresentado “como um problema, quando

deveria ser a solução” (p. 103) e encarado de forma irónica (p. 105) e crítica.

Se, como o reconhece o Autor, “o homem e a sua conduta são a causa maior do romance” (p. 103) de José Saramago, o humanismo saramaguiano, *per selevanta* questões sobre o posicionamento do homem como ser no tempo e face à eternidade. Debate-se então o Autor, num capítulo ao tema dedicado, sobre a questão gnosiológica e existencial da Transcendência ou a questão de “Deus como problema” (p. 116). O mundo moderno perdeu a noção do centro e de Deus como referência, “tanto que a palavra [...] é, não raras vezes, escrita com letra inicial minúscula” (p. 103). Nos romances de Saramago, a única aposta está no homem como única solução possível para o desregramento do social.

A figura do Cão à qual é dedicado um capítulo (p. 117-128) – que o Autor abre a uma nova possibilidade de abordagem (p. 118) – é personagem examinada por Saramago com detença e de modo recorrente, por um processo de intertextualidade homo-autoral, nas várias obras mencionadas. Surge, no entendimento do próprio Saramago, como “um símbolo de solidariedade” (p. 180), um verdadeiro companheiro com uma inteligência e uma sensibilidade quase humanas (p. 123).

Por último, o Autor dedica um capítulo ao *Ensaio sobre a lucidez*, a que se segue uma reflexão final, onde se interroga sobre a questão de saber se depois do *Ensaio sobre a cegueira*, a que se seguiu o *Ensaio sobre a lucidez*, poderemos esperar um terceiro *Ensaio sobre a alternativa*. Entretanto, afirma a existência de relações paragramáticas intertextuais entre as duas primeiras obras, que aparentam ser dois painéis de “um grande tríptico sobre a nossa civilização de que fica por construir o terceiro e último, o mais difícil” (apud, p. 184).

*Ensaio sobre a lucidez*, onde se revela uma visão toldada da democracia, expressa por uma teia de relações humanas que são espelho das sociedades actuais é, pois, um gesto semântico de natureza política (p. 151-156). O

romance, a que não é alheia uma nota de esperança ou “a visão optimista apesar do pessimismo” (p. 174-177), traduz, em suma, a preocupação de Saramago “com os valores por que o homem rege a sua conduta existencial” (p. 169).

Como convém a um discurso de tese, a obra finaliza com uma conclusão, onde o Autor realça o humanismo de Saramago, no sentido do comprometimento com o social e com o homem, indissociável da *polis* e daquilo que liga esse homem solidariamente ao seu semelhante, ao “apelar a uma intervenção cívica, a uma implicação nos problemas do mundo da política” (p. 188).

Enfim, a conclusão reflexiva do Autor faz-se seguir de uma bibliografia temática selectiva e actualizada que, juntamente com o índice onomástico, completam o volume, assinalando a seriedade do estudo apresentado.

Num estilo que lhe é peculiar, António José Borges é investigador seguro, que não dispensa a base documental e a busca das fontes, em abonação das suas afirmações. Um bom serviço prestou aos estudiosos de Saramago o Autor com este seu livro, rico de informação, sereno e arguto na crítica e muito pertinente na interpretação, onde se encontram abordagens verdadeiramente felizes e significativas.

O livro revela, em suma, conhecimento da matéria, capacidade hermenêutica e jeito literário do seu Autor. Apresenta-se como um livro de divulgação, mas de nível elevado, oferecendo-se como de grande utilidade, e mesmo grande prazer, ao leitor vulgar e àqueles que se dedicam, como especialistas, aos estudos da literatura portuguesa.

MARIA LUÍSA DE CASTRO SOARES

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Recebido: 15 de março de 2011

Aprovado: 04 de abril de 2011